

ANAIS



LÍNGUA E CULTURA NO TEXTO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DO CONTO OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTOS DE JOSÉ J. VEIGA

LANGUAGE AND CULTURE IN LITERARY TEXT: AN ANALYSIS OF THE TALE OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTOS BY JOSÉ J. VEIGA

Vanderlene F.S. Vasconcelos¹

Resumo:

Este artigo é de caráter qualitativo e tem como corpus de investigação o conto “Os cavalinhos de Platiplantos” marcado pelo léxico típico falado no centro-oeste em meados do século XX do autor goiano José J. Veiga. Neste sentido, esta pesquisa tem por objetivo apresentar a relação entre língua e cultura a partir da análise do texto literário. Dessa forma, visa ainda exemplificar algumas possibilidades de análise da língua, a partir do texto literário. Para isso, buscamos alguns recursos da lexicologia, uma vez que, queremos estabelecer a relação do léxico do texto literário com a cultura, por entendermos que não se pode dissociar a língua da cultura do falante. Assim, recorreremos ainda ao corpus do Português brasileiro a fim de verificar as ocorrências de algumas lexias na língua. Compreendemos o texto literário como um modelo de representação da língua e, portanto, como excelente campo de investigação linguística. À vista disso, é importante que se desenvolva trabalhos nessa perspectiva tanto para familiarizar o leitor com o texto goiano, quanto promover o enriquecimento do domínio lexical dos aprendizes.

Palavras-chaves: Língua. Cultura. Léxico.

Abstract:

This paper is of a qualitative nature and has as its research corpus the short story “Os Cavalinhos de Platiplantos” marked by the typical lexicon spoken in the Midwest in the mid-20th century by the Goiás author José J. Veiga. In this sense, this research aims to present the relationship between language and culture from the analysis of the literary text. Thus, it also aims to exemplify some possibilities of analysis of the language, based on the literary text, for that, we resort to some resources of lexicology, since we seek to establish the relationship between the lexicon of the literary text and culture, as we understand that you can dissociate language from the speaker's culture. Thus, we still resort to the corpus of Brazilian Portuguese in order to verify the occurrences of some lexias in the language. Thus, we understand the literary text as a model of language representation and, therefore, as an excellent field of linguistic research. Therefore, it is important to develop works in this perspective, both to familiarize the reader with the Goiás text, and to promote the enrichment of the lexical domain of the learners.

Keywords: Language. Culture. Lexicon.

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás- UEG. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade- POSLLI/ UEG. Docente do quadro efetivo da UEG. E-mail: van.ferrassoli@ueg.br.

ANAIS



1 Introdução

A literatura, ao longo da história é marcada por valores culturais e sociais e, foi por muito tempo, considerada como um objeto de cultura e status social, principalmente por não ser acessível a todos. No entanto, hoje, os currículos já preveem o incentivo dos textos literários nas salas de aula, ou seja, há o reconhecimento da importância do texto literário para a formação humana, tal qual já previa Cândido (1989) quando diz que a literatura humaniza o homem. Logo, explorar a literatura no ensino de língua é fundamental tanto para atingir essa humanização descrita por Cândido, quanto para desenvolver o campo semântico-lexical do aprendiz, ou seja, ela contribui para se ampliar os domínios linguísticos.

Nessa perspectiva, o que propomos é exemplificar algumas possibilidades do trabalho com o texto literário, especificamente o conto “Os cavalinhos de Platiplanto” de José Jacinto Veiga, que vá além do aspecto semântico, uma vez que a partir do trabalho com o léxico é possível compreender a relação da palavra com o mundo e, conseqüentemente, a relação da língua com a cultura. Nesse sentido, tomamos como aporte teórico as contribuições de Laraia (2009) que conceitua cultura; Biderman (1987, 2001), Rey-Debove (1984), Leffa (2000) que definem lexicologia e léxico; Cândido (1972, 1989) que apresenta a importância do texto literário, dentre outros que nos possibilitam um aparato para o desenvolvimento da análise.

Dessa forma, este estudo traz a princípio, um breve panorama sobre as interfaces entre língua e cultura, posteriormente buscamos conceituar léxico e lexicologia, e por fim, a análise do texto com o propósito de exemplificar a relação de língua e cultura a partir de alguns recortes do léxico encontrado no texto literário. Seguindo essa lógica, partimos da concepção de que o texto literário possui uma riqueza lexical que nos permite compreendermos a língua em diferentes períodos da nossa história, bem como traz representações culturais que podem ser compreendidas a partir do léxico no texto. Por conseguinte, é um instrumento a ser explorado por professores, para ampliar o domínio linguísticos de seus aprendentes, bem como pesquisadores em geral que buscam compreender as diferentes formas de uso do léxico do Português brasileiro. Portanto, a nossa proposta é apresentar a uma análise linguística que contemple os aspectos culturais da obra a partir da compreensão do léxico, a fim de entendermos como se relacionam língua e cultura e como os sentidos são construídos no texto e até mesmo como eles são ressignificados a partir da escolha lexical do autor.

2 As interfaces entre língua e cultura

Ao longo da história o homem criou formas de simbolizar o mundo e construiu mecanismos para comunicar-se com seus pares. Assim, em uma concepção antropológica, a língua se desenvolve concomitantemente à cultura dos falantes dessa língua e nesse sentido, Laraia (2009) cita as contribuições de Kroeber sobre o conceito de cultura, para ele “a cultura, mais do que a

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

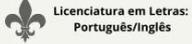
XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina Universidade
Estadual de Goiás

herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.” (KOEBER, apud LARAIA, 2009, p. 48), de modo que para o autor o homem age não mais por determinismos biológicos, mas de acordo com seus padrões culturais, visto que o longo processo evolutivo o qual passou fez com que seus instintos fossem anulados. Laraia (2009) ainda complementa:

[...] A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que agir através de atitudes geneticamente determinadas. (LARAIA, 2009, p. 48).

Nessa vertente, reconhece-se que o homem passou a depender de conhecimento para sua sobrevivência, o qual é acumulativo, uma vez que o homem, em sua condição biológica, não vive o suficiente para desenvolver todos os recursos necessários para sobreviver. Dessarte, os conhecimentos adquiridos ao longo da história são partilhados, o que possibilita ao homem viver e adaptar-se em diferentes ambientes e condições geográficas.

De acordo com Laraia (2009) a cultura pode ser compreendida como uma junção de conhecimentos acumulados, uma vez que para o autor “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2009, p. 68). De forma mais pragmática, Câmara Jr. (1955, p. 51) diz que a cultura é o “[...] conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico”. Nesse sentido, tudo aquilo que diz respeito ao modo de vida do homem, suas crenças, seus hábitos alimentares, organização social, política, objetos e utensílios domésticos e de trabalho, etc., constitui a cultura de um povo e essa ideia corrobora com as concepções de Eagleton (2005) que estabelece que: “A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, [...] aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último”. (EAGLETON, 2005, p. 184). Portanto, tudo aquilo que fazemos, e tudo aquilo de que precisamos para sobreviver, bem como todo o nosso comportamento social ou individual está de algum modo condicionado à cultura da qual fazemos parte.

No que diz respeito a língua, Câmara Jr (1955) diz que a finalidade da língua é expressar a cultura, e é através dela que acontece o intercâmbio cultural, ou seja ela permite que haja a comunicação e, conseqüentemente, contribui para a manutenção da própria cultura, visto que seus agentes podem transmitir conhecimentos que são apreendidos, internalizados e perpetuados naquele grupo social ou entre vários grupos sociais. Isso significa dizer que “[...] a LÍNGUA, em

ANAIS



face do resto da cultura, é o resultado dessa cultura, ou sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunica-la e transmiti-la.” (CÂMARA Jr., 1955, p. 54, grifo do autor). Nesse sentido, a língua é entendida com uma parte da cultura, entretanto, para Câmara Junior (1955, p.57) “é inegável que a língua constitui uma estrutura autônoma em face da cultura global. Ela tem seus canais próprios de expressão e desenvolvimento”. Por isso, é possível que culturas distintas possuam línguas com estruturais semelhantes.

Seguindo esta lógica, Paula, Almeida e Resende (2016) corroboram com essa ideia e definem a língua como uma construção histórica e social que tem como principal função a comunicação, ou seja, é através dela que os sujeitos interagem e compartilham conhecimentos.

A língua configura-se como um diassistema que tem por sustentáculo três subsistemas menores; o discurso, a gramática e o léxico. O discurso corresponde aos sentidos vários conferidos na materialidade da linguagem em uso; a gramática corresponde ao conjunto de normas que regem as combinações possíveis na estrutura interna da língua; o léxico constitui um inventário aberto das unidades significativas que denominam os referentes abstratos e concretos do sistema extralinguístico. (PAULA; ALMEIDA; RESENDE, 2016 p. 12).

Desse modo, a língua exerce a função de ajudar na manutenção da cultura, pois os sujeitos partilham conhecimentos que perpetuam por gerações e são esses conhecimentos acumulados que definem o modo de vida e a identidade cultural de determinado grupo. Todavia, vale lembrar que ela é estruturada por categorias específicas com níveis distintos de complexidade, mas é a partir da linguagem que ela se concretiza, ou seja, a comunicação existe na experiência languageira. Logo, é preciso conceituar e ao mesmo tempo distinguir língua de linguagem.

Nesse sentido, Koch (2003) diz que a linguagem foi por muito tempo considerada como algo passivo, onde a finalidade residia somente em descrever aquilo que se sentia, ou pensava. Contudo, compreende-se que, hoje, o sujeito ao falar ele não apenas descreve suas percepções, mas ele participa e age sobre o mundo podendo mudar e criar novas coisas e é através da linguagem que ele se situa no mundo e cria sua própria identidade.

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (BAKHTIN, 2006, p. 123).

A interação cria a realidade da linguagem, o que faz com que ela vai se desenvolvendo em relação ao meio a qual é concretizada, e os sujeitos falantes vão simbolizando o mundo a partir desses contextos. Seguindo essa lógica no que concerne a linguagem como meio de interação,

ANAIS



Travaglia (2000, p. 23) diz que não se pode dizer que ao fazer uso da língua trata-se apenas de traduzir ou expressar o um pensamento, ou ainda transmitir uma informação, mas diz respeito a “[...] realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)” (TRAVAGLIA, 2000, p. 23). Portanto, não se pode dizer que a linguagem é apenas a expressão do pensamento, visto que ela pode interferir, e mudar a forma como os sujeitos compreendem o mundo e como se relacionam entre si. Por conseguinte, o autor compreende a linguagem como agente de mudança, que pode alterar ou influenciar a forma do ouvinte/leitor compreender o mundo a sua volta, uma vez que compreende a linguagem como espaço de interação e comunicação humana, capaz de suscitar, durante a comunicação, múltiplos efeitos de sentidos entre os interlocutores, a depender da situação discursiva e do contexto social, histórico e ideológico em que ocorre a comunicação.

3 Estudo da língua a partir do texto literário

A literatura possibilita representar diferentes contextos configurados pela verossimilhança com o mundo real ou o mundo da fantasia, entretanto, pode se dizer que até a criação mais fantasiosa segue uma lógica aceitável pelos leitores e falantes de determinada língua. Outrossim, a partir dessas criações podemos ter amostras significativas das possibilidades de uso de elementos de determinada língua.

[...] a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras). Mesmo que isto nos afaste de uma visão científica, é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos. (CÂNDIDO, 1999, p. 82).

Sendo assim, a ficção literária não é desvinculada dos processos linguísticos, e ao problematizar situações e problemas sociais de diferentes naturezas, instiga a reflexão da própria condição humana, mesmo que essa transposição do real para o fictício não siga uma lógica linear e nesse sentido. Cândido (1972) diz que ao transpor o real para o ilusório segue-se uma forma estilizada e formal da linguagem, entretanto, segue uma ordem arbitrária tanto para coisas quanto para os seres e os sentimentos, nessa ordem “[...] se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade[...]. (CÂNDIDO, 1972, p. 803).

Segundo Cândido (1999) a literatura é um instrumento poderoso tanto de instrução quanto de educação e está nos currículos marcada, ou melhor apresentada com valor intelectual e afetivo. Ela ainda apresenta os valores preconizados pela sociedade, assim tanto aqueles considerados bons

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina **Universidade
Estadual de Goiás**

ou ruins se manifestam nos diferentes gêneros literários, e dessa forma “[...] a literatura confirma e nega, propõe e denúncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CÂNDIDO, 1989, p. 113). O autor defende ainda que a literatura deveria ser um direito básico do ser humano, pois para ele, ela atua no caráter e consequentemente contribui para a formação do homem. Cândido ainda assevera a necessidade da literatura como fator universal, que segundo ele, “[...] deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CÂNDIDO, 1989, p. 122).

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CÂNDIDO, 1989, p. 117).

Nessa acepção, não existe tema ou assunto que não se possa ser tratado no âmbito da literatura, e isso converge para a grande dimensão de representação de uso da língua no universo literário. A literatura possibilita que se desenvolva diferentes análises da língua em diferentes aspectos, desde os semânticos, sintáticos, morfológicos, até a ordem do discurso, uma vez que pode se dizer que o texto literário é uma representação de uso de língua. O estudo da língua a partir do texto literário favorece muito mais que uma compreensão de uma mensagem, possibilita compreender da estrutura às representações culturais e identitárias que permeiam o texto

A literatura pode contribuir para uma melhor compreensão da língua, uma vez que o texto literário exemplifica diversos usos da língua, apresenta sua estrutura e diferentes combinações lexicais. Além de ser uma grande ferramenta para a aquisição e ampliação do repertório linguístico. Leffa (2000) afirma que há vários exemplos de autores da literatura que manifestam preocupação com a escolha lexical e se esforçam para escolherem a palavra que melhor representa aquilo que pretendem dizer. O que significa que os recursos lexicais, semânticos, ideológicos, culturais, etc, não estão no texto de forma aleatória, sendo possível depreender a relação da língua com a cultura representada no texto a partir das escolhas lexicais feitas pelo autor.

O texto só pode exigir da palavra aquilo que ela estiver disposta a dar; como as palavras em geral são ricas de significados elas acabam se encaixando em vários lugares do texto. Não se trata, portanto de pobreza, mas de riqueza. Conhecer essa riqueza das palavras faz parte do que significa conhecer a língua. (LEFFA, 2000 p.06).

ANAIS



Cabe ao educador propiciar ao aprendiz de línguas contextos de uso dessa língua, e a literatura nesse caso, é uma excelente ferramenta para o ensino. Seguindo essa lógica, Barbosa (2001) corrobora com esta ideia e amplia ainda mais as possibilidades de se explorar o texto literário ao concebê-lo como universo do discurso e, como classes de discurso, é marcado por aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos além de aspectos semânticos e sintáticos próprios. Assim, para o autor alguns desses marcadores são comuns a vários universos discursivos, outros são exclusivos com função categorizadora. E, no que diz respeito a formação de novas unidades lexicais “[...] pode ser uma dessas marcas, constituindo critérios bastante relevante para o delineamento estrutural de um domínio da experiência humana.” (BARBOSA, 2001, p. 47). O que permite ao educador ou pesquisador escolher um desses domínios para estudo e aprofundamento da obra, bem como da língua e da cultura posto que ambas não se dissociam.

Segundo Biderman (1987, p. 83) “Existe a necessidade absoluta de ordenação lógica do léxico, pois caso contrário, o indivíduo jamais poderia recuperar na sua memória um lexema específico para uma sentença particular que quer construir, ou que ouviu ou leu e deve decodificar.” Portanto, pode-se ver a necessidade de que o léxico seja estruturado segundo padrões sistemáticos, afim de que essa ordem permita aos sujeitos acessarem essas informações e construir novas sentenças a partir de uma estrutura preexistente.

4 Análise da obra os cavalinhos de platiplantos

O texto, “Os cavalinhos de Platiplantos” objeto dessa análise, do escritor goiano Jose Jacinto Veiga foi publicado a primeira vez em 1959. Inclusive, esse conto faz parte de uma das obras que foi publicada em espanhol e trata-se, de um autor expressivo da literatura goiana por contribuir para dar visibilidade as produções literárias do centro-oeste do país.

Apesar de se reconhecer a imensa contribuição do autor para a literatura brasileira, ainda hoje no próprio estado em que nasceu, suas obras são pouco conhecidas, fenômeno que acontece com vários outros autores no Brasil, ou seja, tem-se um reconhecimento a nível nacional ou internacional, mas dentro dos limites de estados e municípios, na maioria das vezes, são pouco lidos ou reconhecidos. Observa-se então, a necessidade de que haja estudos como esse que possibilita apresentar discussões tanto sobre análise de língua e cultura a partir de texto literário, quanto contribui para difundir e valorizar a literatura goiana.

Desse modo, esse estudo trata-se, de um trabalho bibliográfico dotado de princípios da lexicologia o qual Abade (2011) define o termo da seguinte forma:

A lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se

ANAIS



necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. (ABADE, 2011, p. 1332).

Sendo assim, nosso propósito é discutir a relação entre língua e cultura no texto literário, e para essa análise elegemos como principal objeto o léxico apresentado no conto. Seguindo este intuito, é preciso conceituar o que é o léxico e Biderman (1978, p. 139) traz a seguinte definição: “Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Enfim, pode se dizer que o léxico é cumulativo e estabelecido de forma social, o que nos permite ainda afirmar que ele não é finito. Nesse sentido, Fiorin (2001) complementa essa ideia ao trazer a seguinte definição:

O léxico consiste no repertório de palavras de que uma dada língua dispõe. Em sentido amplo, podemos considerar o léxico como sinônimo de vocabulário. Tem ele diferentes regiões: gírias (vocabulário especial usado por um dado segmento social); regionalismos (vocabulário próprio de uma dada região); jargões (vocabulário típico de uma dada especialidade profissional); arcaísmos (palavras ou expressões caídas em desuso); neologismos (palavras recentemente criadas). (FIORIN, 2001, p. 93).

De acordo com Biderman (2001) o léxico é um patrimônio histórico e cultural da comunidade linguística que fazem uso da língua, no entanto, são os falantes que criam e conservam a língua, o que quer dizer que eles podem agir sobre a estrutura do léxico e alterar os significados das palavras quando, em contextos de uso, atribuem conotações singulares aos lexemas. De modo que, para a autora, é possível dizer que “[...] o indivíduo gera a Semântica da sua língua [...]. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Segundo com Rey-Debove (1984), são as palavras lexicais, principalmente o substantivo que une o sistema de uma língua ao mundo, e as outras línguas, ou seja, é o que dá a forma, contudo, são esses elementos que mais são passíveis de escapar às leis da gramática e da semiótica linguística. O léxico de uma língua está ligado à cultura do falante e, por isso, ele é adaptado às necessidades do grupo que dele fazem uso. Conseqüentemente, as palavras são adaptáveis às realidades e necessidades dos falantes.

Conforme Oranges (2017) para a criação de um texto literário os autores fazem uso de diversos recursos linguísticos tais quais a inovação lexical, ou ainda as mudanças sintáticas, ou mudanças semânticas entre outras possibilidades. Explorar esses recursos nada mais é que compreender o uso da língua em situações discursivas criadas e materializadas no texto literário.

Dessa forma, a princípio buscamos estabelecer as interfaces entre língua e cultura, posteriormente, apresentamos um breve panorama sobre o objeto, observando ainda alguns aspectos que determinam o insólito no texto, uma das características do conto e do estilo do autor, e por fim, selecionamos uma pequena lista de vocábulos representativos da obra para análise. Será

ANAIS



observado ainda a palavra e seus colocados a fim de se verificar as construções de sentido no texto bem como a relação de sentido a partir de elementos culturais. Vale ressaltar que a escolha lexical se deu em função da singularidade da palavra e da sua relação com elementos culturais. Organizamos ainda, um pequeno glossário de modo a exemplificar o recorte do léxico analisado. Para isso, elegemos os dicionários Houaiss (2009) para criação do glossário, bem como corpus de exclusão para possíveis neologismos ou arcaísmos, considerando que é um dicionário de grande circulação e recorreremos ainda ao Corpus do Português Brasileiro para verificar a frequência de algumas lexias na língua.

4.1 Breve olhar sobre o texto

O conto “Os cavalinhos de Platiplanto é um texto narrado em primeira pessoa, no qual o narrador, já adulto, narra com saudosismo as aventuras de sua infância. Ele relata a história de um menino que tem a promessa do avô de que esse lhe daria um cavalinho, mas o avô adocece, o que faz com que o avô não cumpra o prometido, entristecendo o menino. Contudo, em uma fantástica viagem a uma fazenda vizinha ele recebe não apenas um, mas vários cavalinhos que seu avô havia encomendado para ele, entretanto, eram cavalinhos mágicos e incomuns, por isso ele só poderia vê-los naquele lugar, no reino de Platiplanto.

Nesse jogo de palavras que é o texto corpus desse trabalho, o autor escolhe as lexias que melhor representa o mundo maravilhoso da sua principal personagem. Sendo assim, o enredo se desenvolve sobre os eventos que levaram o menino a conhecer os cavalinhos de Platiplanto. Neste sentido, é um texto do gênero fantástico que pode ser definido como realismo mágico. Coelho (2000) traz a seguinte definição dessa característica:

Obras em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, em que as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum em que irrompe algo ‘estranho’, que é visto ou vivido com a maior naturalidade pelas personagens. (COELHO, 2000, p. 158, grifo da autora).

O fantástico apresentado no texto é organizado e estruturado de acordo com os aspectos sintáticos e gramáticas esperados, seguindo uma lógica própria, uma vez que o conto traz construções que a princípio parece estranho para compor o texto. Por conseguinte, o insólito, ou seja, o estranho no texto, é uma das principais características do autor. O dicionário Houaiss (2009) define insólito como “1 que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal 2 que se opõe aos usos e costumes; que é contrário às regras, à tradição. “De modo que aquilo que foge ao real e causa a estranheza no conto é o que de certa forma, provoca a reflexão e também um novo olhar sobre o conto como em: “A gente chegava lá indo por uma **ponte, mas não era ponte de atravessar**” (VEIGA, 2000, p.18, grifo nosso). Desse modo, o lógico e o esperado é que a ponte

ANAIS



seja para atravessar, no entanto, o texto explica que ela é para se subir, portanto traz outra possibilidade para o uso da ponte. Verifica-se que “o insólito trata de fenômenos extraordinários e sobrenaturais presentes nas narrativas não realistas, inexplicáveis ou racionalmente impossíveis de se imporem como fenômenos reais ou verdadeiros.” (ASSIS, 2014, p. 26).

Em “O menino que tinha **medo de tocar bandolim**” (VEIGA, 2000, p. 18, grifo nosso), a estranheza se dá pela quebra da lógica entre o uso das lexias, visto que tocar algum instrumento musical geralmente não representa algum perigo.

- Por que você não toca? — perguntei.
- Eu queria, mas tenho medo.
- Medo do quê?
- Dos bichos-feras.
- Que bichos-feras?
- Aqueles que a gente vê quando toca. Eles vêm correndo, sopram um bafo quente na gente, ninguém aguenta. (VEIGA, 2000, p.19).

A justificativa do menino para sentir medo também não obedece uma lógica esperada. Na frase “Colocou novamente o bandolim em posição, agora sem medo nenhum, e tirou uma **música diferente, vivazinha**, que me ergueu do chão e num instante me levou para o outro lado do morro.” (VEIGA, 2000, p.19, grifo nosso). Assim, o menino se vê transportado através da música que, no texto, é tratada como algo tátil, algo vivo o que corresponde a uma das características do gênero fantástico, atribuir vida ou características humanas a objetos, animais, etc.

Outro aspecto observado no texto é a resignação do menino frente aos acontecimentos, uma vez que os eventos que impedem o avô de cumprir a promessa de lhe dar um cavalinho, é aceito pelo menino como algo inevitável. Por conseguinte, também é o que provoca o desencadear da história, visto que na iminência de não ganhar mais os cavalinhos ele faz a sua jornada a fazenda do “Major” onde ele por fim realizará seu desejo, é também o ponto em que realidade e fantasia se misturam. Dessa forma, o narrador menino ao narrar os acontecimentos rompe com os limites entre o real e a fantasia, ora crédulo sobre os acontecimentos ora apresentando suas incertezas sobre o fato.

[...] não vi quando me levaram para casa. Só sei que de manhã acordei já na minha cama, não acreditei logo porque o meu pensamento ainda estava longe, mas aos poucos fui chegando. [...] eu queria guardar aquele lugar perfeitinho como vi, pra poder voltar lá quando quisesse, **nem que fosse em pensamento**. (VEIGA, 2000, p.20, grifo nosso).

Portanto, o imenso desejo expresso pelo narrador menino e o seu pesar por não obter o presente do avô faz com que o seu subconsciente construa uma realidade que aplaque sua tristeza. Suas próprias dúvidas sobre os acontecimentos são refletidas quando ele decide não contar a

ANAIS



ninguém a sua jornada e quando por fim estabelece na última frase do texto que pode revisitar aquele lugar em pensamento.

4.2 O léxico no texto

Por se tratar de um texto relativamente pequeno, optamos por não dividir a análise por campos lexicais ou semânticos específicos, mas sim apresentar algumas lexias que consideramos singulares que chamam a atenção tanto pela sua relevância no texto quanto pela natureza da sua relação com a cultura. Como forma de verificar a ocorrência de um determinado vocábulo consultamos ainda o Corpus da língua Portuguesa. Dessarte, as palavras estão organizadas pela ordem de ocorrência no texto.

Tabela 1 – Excerto de palavras retiradas do conto Os Cavalinhos de Platiplanto

Palavra	Significação
Caixa de ferrinhos	= Caixa de ferramentas médicas ²
Assentada	= algo que combinou, ficou adequado ³
Judiando	= maltratando, atormentando, etc.
Lancetar	= cortar ou abrir com a lanceta
Cueiro	= pano leve e macio com que se envolvem (em torno das nádegas e das pernas) as crianças de colo.
Parelhinho de calça comprida	= um par de calças compridas
Dor mantena	= dor muito forte, intensa. ⁴
Maroteira	= qualidade de patife; malandrice, velhacaria (1813) maroto + eira
Porçoeira	= parte que cabe a um indivíduo; quinhão, bocado
Treteiro	= afeito a tretas, artimanhas; espertalhão, manhoso, trapaceiro, tratante, velhaco
Largo de cavalhada	= ⁵ espaço destinado às cavalhadas
Meninos de golinhas de revirão	

Fonte: Dados da presente pesquisa

Fiorin (2001) diz que ao analisar o texto literário é preciso considerar que o autor busca criar efeitos de sentido e para isso ele recorre aos recursos estilístico semântico e gramatical e, ele

² Sentido depreendido do texto, no texto o farmacêutico prestava o serviço de saúde em casa tal qual o médico, de maneira que a caixa de ferrinho era onde se levava as ferramentas necessárias para efetuar o atendimento pelo profissional da saúde.

³ Sentido depreendido do texto.

⁴ Sentido depreendido do texto. Apesar de trazer um sentido próximo quando juntas as palavras adquirem uma maior carga semântica.

⁵ Sentido depreendido do texto e devido o texto mencionar arquibancadas, então, certamente faz-se referência a um lugar de espetáculo como a festa folclórica “Cavalcadas” que acontece no estado de Goiás.

ANAIS



pode ainda “[...] escrever seu texto em gíria, ou utilizar um vocabulário regionalista, ou ainda fazer uso de muitos arcaísmos.” (FIORIN, 2001, p. 93). De acordo com o autor, para uma boa leitura o que importa “não é apenas identificar a escolha feita pelo autor, mas verificar qual é a função que ela tem no sentido do texto.” (Ibid. p. 93). O autor apresenta um trabalho com unidades lexicais de grande valor estilístico que nos permite desvendar o texto a partir de um contexto que não é contemporâneo, entretanto, possibilita visualizá-lo através das escolhas lexicais como a palavra **ferrinhos**, que individualmente segundo o dicionário Houaiss (2009) significa ferro pequeno. Nesse exemplo a palavra vem acompanhado pelos colocados caixa + de (substantivo + preposição) assim o sentido é ressignificado passando a ter um novo sentido contextual, como pode ser verificado na tabela acima. Vale lembrar que esse termo não é dicionarizado, portanto, possivelmente faz parte de uma linguagem do contexto da época em que a obra foi escrita e refere-se a instrumentos de trabalho, logo, está diretamente ligado a forma como o atendimento médico era realizado em meados do século XX. No exemplo “era uma regra **assentada** lá em casa que ninguém devia contrariar vovô Rubem.” (VEIGA, 2000, p. 15, grifo nosso) a palavra **assentada**, formada por assent + ada, o radical indica concordância ou aprovação. Ao ser utilizado no texto produz um sentido similar, o que indica que mesmo não sendo o sentido literal do texto, o uso no contexto do texto segue a lógica da raiz morfológica da palavra.

Outra contribuição do texto literário para o estudo da língua é que ele possibilita a compreensão da língua e da cultura de outros períodos da nossa história. É possível encontrar palavras que o uso já não é tão frequente, mas que outrora era recorrente na língua, o que nos mostra o quanto os hábitos de uso linguísticos são passíveis de mudança. Por exemplo, as palavras **lancetar** e **cueiro**, datadas do século XV com pouca frequência no corpus do português brasileiro, registramos apenas 4 ocorrências para a primeira e 9 para a segunda. Da mesma forma, **dor mantena** é uma expressão utilizada pra explicar a intensidade da dor, assim não há ocorrência na língua da palavra **mantena** com o colocado anterior **dor**, o que nos faz depreender que se trata de um uso recorrente da época.

As palavras **maroteira** e **porçoeira**, ambas formadas pela derivação sufixal, trazem o sufixo *eira*, que é um sufixo formador de substantivos e adjetivos, outra característica desse sufixo é que ele possui uma diversidade de noções semânticas que permite diferentes construções de sentido. Entretanto, vale ressaltar que na palavra *maroteira*, traz uma carga semântica pejorativa que é comum em outras construções adjetivadas femininas do sufixo **eiro**.

Outro aspecto interessante apresentado que nos dá uma dimensão da cultura de uma época distante pode ser depreendido a partir do léxico relacionado ao vestuário das crianças, por exemplo as palavras: **cueiro** e as locuções substantivas *calça comprida* que vem antecedida pela palavra *parelhinho* = **parelhinho de calça comprida** e **golinhas de revirão** são termos em que os usos tais quais os sentidos produzidos no textos não são tão frequentes, isoladamente, as palavras que formam essas locuções são comuns no uso do português, contudo, quando colocadas juntas, não encontramos registros de usos do segundo e terceiro caso no corpus do português brasileiro. Já

ANAIS



cueiro, apesar de termos encontrado mais ocorrências, não é um termo muito utilizado no centro oeste goiano

O texto em si traz poucas referências das características regionais, principalmente se considerarmos o contexto de produção da obra, entretanto, traz a locução **largo de cavhada** que não há registro no corpus do português brasileiro, por isso não é encontrada em dicionários. Consequentemente, o sentido pode ser depreendido do texto e faz referência ao espaço onde acontece as Cavhadas, festa folclórica brasileira originada de Portugal, mas que ainda acontece no estado de Goiás, portanto, trata-se especificamente de uma manifestação cultural regional.

O léxico de uma língua traz uma relação direta com a cultura considerando que os usuários da língua criam e adequam as palavras às suas necessidades. O texto literário, como representação de uso da língua, apresenta o léxico que melhor representa determinado contexto socio-cultural, ou seja, o autor compõe o texto e constrói sentidos e o faz juntando elementos lexicais que melhor simbolizam a ideia que se pretende transmitir. Posto isso, a escolha do léxico para compor o texto está diretamente ligada aos hábitos, costumes e estilo de vida em determinada época e contexto social, o que nos mostra que apesar do texto não trazer especificamente lexias que descreve o espaço geográfico da região de Goiás, entretanto, as escolhas lexicais para apresentar vestuário, ferramentas, ou para adjetivar alguém, entre outras formas estão diretamente ligadas à cultura dos falantes representados, bem como é possível notar a semelhança com a representação da cultura da época em que a obra foi composta.

5 Considerações finais

Buscamos apresentar neste trabalho a relação da língua e da cultura a partir do texto literário, como forma de exemplificar como o léxico de uma língua está diretamente ligado a cultura dessa língua, destarte, não se pode dissociá-los. Ao recorrermos ao conto de José J Veiga, o fizemos com o intuito de contribuir para difundir a literatura goiana ainda mais, uma vez que compreendemos que se trata de um autor de grande importância, no entanto ainda é pouco conhecido no próprio estado, e isso, na maioria das vezes, se dá pelo pouco estímulo da leitura de seus textos nas escolas.

O autor, para a criação do texto, faz escolhas lexicais astutas que podem tanto ser palavras recorrentes no uso da época da composição do texto quanto inovações lexicais, e em alguns momentos ele ressignifica palavras que em outros contextos não possuiria o mesmo teor semântico, fazendo com que um pequeno texto possibilite um vasto campo de estudo da língua e da cultura.

Logo, o trabalho com a língua, ou melhor, a análise da língua a partir do texto literário, além de contribuir para a ampliação do repertório linguístico, possibilita compreender a relação do homem com a sua própria cultura.

Este estudo buscou ainda estabelecer uma relação entre o léxico e a literatura, por compreendermos que o texto literário se constitui como uma excelente ferramenta para o estudo da

ANAIS



língua, uma vez que traz modelos de uso de língua, conseqüentemente da cultura dos falantes dessa língua. O trabalho com essa modalidade textual possibilita ainda ampliar o repertório linguístico bem como estimula o desenvolvimento da competência lexical do aprendiz.

Neste sentido, apresentamos algumas possibilidades de exploração do texto na perspectiva de lexicologia. Posto isso, buscou-se evidenciar que o léxico no texto literário apresenta uma relação direta com aspectos relacionados a cultura do falante de uma língua além de nos propiciar compreendermos as formas de uso da língua. Também foi possível exemplificar que é possível compreender aspectos da cultura de um povo em um determinado tempo na história a partir do léxico no texto literário.

Referências

ABBADE, C. M.S. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro, 2011.

ASSIS, E. F. **Escolhas lexicais e iconicidade textual**: uma análise do insólito no romance Sombras de Reis Barbudos. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na Literatura. *In*: OLIVEIRA, A. M. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2ª Ed. Campo Grande: EdUFMS, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. **A estruturação do léxico e a organização do conhecimento**. Porto Alegre, PUCRS, 1987.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande. Ed. UFMS, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

CÂMARA JR., J. M. Língua e Cultura. **Revista Letras**. Londrina-PR, v. 4, p. 50-59, 1955. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

ANAIS



- CÂNDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. 1972. p. 803
- CÂNDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males : Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.
- CÂNDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos E...Cjp** / Ed. Brasiliense, 1989.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- EAGLETON, T. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp. 2005.
- FIORIN, j. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**. São Paulo, 16ª ed. Editora, 2001.
- HOUAISS, A. ET AL. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.Ática, 2001.
- KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.
- LEFFA, V. J. Aspectos Externos e Internos da Aquisição Lexical. In: LEFFA, V. J. (Org.). **As palavras e sua companhia**: o léxico na aprendizagem. Pelotas, 2000.
- LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2009.
- ORANGES, C.S. **O texto literário como corpus para análise lexical**: O Púcaro Búlgaro, de Campos de Carvalho. São Paulo, 2017. Disponível em:
<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/1568/1207>. Acesso em 15 de agosto de 2019.
- PAULA, M. H; ALMEIDA, M. A.R; REZENDE, R. M. **Língua, cultura e léxico**: confluência entre lexicografia e filologia. Entretextos, Londrina, v. 16, n. 2, 2016.
- REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Tradução de: MORAIS, C. B. Alfa- São Paulo, 1984.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

VEIGA, J. J. **Melhores contos de J. J Veiga**. Seleção de J. Aderaldo Castello. São Paulo: Global, 2000.